REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 726

28 DE FEVEREIRO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Depois do grande temporal de terça feira gorda, o céo, que pouco se importa com os dictames do kalendario official, continuou fazendo caretas, embrulhando-se no dominó das nuvens e bisnagando com toda a sencerimonia a humanidade que o provocou.

Porque lá que o entrudo até por vezes brada ao céo, isso demonstraram-o os factos.

Mas o sol lembrou-se de nos dar um lindo espectaculo de final-apotheose de magica, e foi saudado com vivas alegres por toda uma saudosa população.

Foi um dia lindo entre os negrumes tão prolongados, um grande pedaço de azul n'um estendal de côr parda, um delirio de flores desabroxando e de pardaes em revoadas depois de mais de um mez de lama constante e de chuva batendo monotonamente um compasso triste.

Os campos estão em sua maior parte alagados; as planicies do Tejo e do Mondego converteram-se em grandes lagos. Os gados fugiram para as charnecas, a força das aguas arrombou os cômoros, os salgueiros e choupos mostram fóra de agua os ramos, como braços naufragos a pedirem soccorro.

Onde, ha dias, a charrua traçava o sulco profundo, navegam agora os barcos, e, sob os arcos das pontes estreitando os rios, a agua precipita-se em cachão.

Andam contentes uns lavradores, outros começam a desanimar se. Triste mundo este, que tantas vezes se parece com as casas de jogo! A alegria d'uns é feita com a desgraça dos outros. Ganha este o que perde aquelle.

Mas lavradores são gente que sempre se queixa. Até n'isso lembram os jogadores. Não ha d'estes um só que no fim da vida diga, ao fazer as contas: — Ganhei!

Mas então quem foi que lucrou, se todos, por força hão de perder? Que é d'ella a verdade mathematica, que requer o equilibrio?

Vão fuscos o tempo e os tempos. Os dias do céo vão achando irmãos nos dias da terra.

Andam pouco promettedores os horizontes. Uma differença apenas entre os verdadeiros e os rhetoricos. Aquelles promettem cheias, os outros prophetisam vazantes.

Todos turvos entretanto. Metereographos e politicos arcam com identicas difficuldades. A tres palmos do nariz vê-se ás vezes peor do que a leguas de distancia.

A morte de Felix Faure e a nomeação de Loubet para presidente da Republica franceza veio ainda mais complicar a situação gravissima.

Os nomes mais illustres da França na politica e na litteratura, apparecem-nos assignando os mais contradictorios artigos. A questão Dreyfus cada vez mais se exacerba. Acham-se presos os deputados Déroulède e Harbert.

A grande maioria de votos obtida pelo novo presidente não obstou a que uma grande parte da população de Paris logo se lhe mostrasse hostil.

E, para maior confusão dos cerebros que de certos factos queiram tirar conclusões, apparece-nos, ha muito, o nome de Rochefort, o famoso demagogo, agora ao lado dos nomes de Coppeé e d'outros conhecidos como exaltadamente catholicos.

Para os que, de longe, só pelos jornaes ou pelos telegrammas das agencias, teem conhecimento resumido de tudo o que se vai passando, a duvida subsiste e sempre a pergunta é uma só: — Dreyfus é ou não um traidor?

A lucta é grande em França; gravissimos problemas sociaes vão-se agitando. Pode ser que a

VISCONDE DE VALMOR — FALLECIDO EM PARIS, NO DIA 24 DE DEZEMBRO DE 1898

(Copia de uma photographia de Mr. J. Lövry)

sociedade franceza esteja, como dizem, gangrenada, mas a lucta ainda é signal de vida. Pouco se parecem os telegrammas, que de lá todos os dias nos chegam com as pomposas correspondencias das nossas cidades da provincia sobre as batotas dos administradores.

O dia de ámanhã é um problema antigo, sempre debatido, agora, mais do que nunca, insoluvel. Seria preciso, n'um dado momento, conhecer um sem-numero de forças e o seu ponto de apoio para lhes calcular a resultante. Quem póde medir essas forças e d'ellas todas ter conhecimento? Onde o ponto de apoio indiscutivel?

Ha portanto, philosophicamente, ajuizadamente um só processo a seguir: não pensar n'isso. E tanto o conselho é bom, que certo é que ámanhã pertence a Deus e está em muito boas mãos.

Assim, parece, e vamos por cá entendendo e, desde que se trate d'um bocado de folia, o dinheiro sobeja immediatamente. Não devem nadar em oiro as caixas economicas.

Em oiro?

E é talvez porque o não temos, que o dinheiro tanto vôa. D'antes corria, que para isso o haviam feito redondo; agora vôa, porque cedulas são papeis.

Foi-se o tempo dos pés de meia e dos thesoiros enterrados. Os ratos e a humidade facilmente dariam cabo do que da outra especie, um pouco mais aceada, nem seculos saberiam destruir.

E ahi está o motivo porque, desde a crise, os theatros enchem-se, enchem-se os comboios e os taboleiros das roletas em Cascaes, os cafés são mais concorridos, cresce nas lojas o numero dos caixeiros.

A certos negociantes temos ouvido dizer, e por mais d'uma vez: — Bemdita crise! Deus, Nosso Senhor, a conserve e dilate por muitos annos.

Tal qual a formula velha dos votos pela preciosa saude d'algum Mecenas.

Os theatros e circos em Lisboa, bem teem demonstrado a veracidade do que affirmamos.

Ainda que puzessemos de lado para a prova que pretendemos a assignatura completa da enorme sala de S. Carlos, o argumento subsiste completo e irrefutavel para quem, ao domingo sobretudo, se lembra de passar um quarto d'hora á porta de qualquer das nossas salas de espectaculo.

S. Carlos foi sempre o theatro preferido pela primeira sociedade de Lisboa e os grandes exitos obtidos pela excellente companhia que este anno ali funcciona explicam a concorrencia.

Mas nem por isso ella diminuiu nas outras salas.

Na Trindade o *Tim tim por Tim-tim*, a velha peça de Sousa Bastos, com mais um frasquito de elixir de juventude e a intelligente dedicação da maior parte dos interpretes, deu mais uns passos gigantes que a approximam da millesima.

Na Avenida a velha *Pera de Satanaz* veio matar saudades a velhos e novamente influir as crianças.

O Gymnasio, variando sempre o repertorio, prepara-se para festejar a 15.ª do *Flôr de Larangeira*, de Schwalback.

O theatro de D. Maria continua levando á scena com exito a comedia de Marcellino de Mesquita *Peraltas e Secias*.

Em D. Amelia effectuou-se com exito extraordinario a festa artistica de Brazão com a representação do *Othello*. A *Maria Antonieta*, que deve ser representada em 4.ª recita de assignatura dará á empreza enchentes sobre enchentes.

E todos estes theatros, com a grande concorrencia que, noites e noites, teem obtido, não prejudicaram uma só vez a Rua dos Condes, onde a ultima revista de Schwalback, *Agulhas e Alfinetes* acaba de conseguir um exito colossal.

Schwalback fez prodigios de boa graça. Lopiccolo e Valle, muito bem coadjuvados, são todas as noites applaudidissimos. Enchentes sobre enchentes, gente nas cadeiras, muito papel sujo nas gavetas do escriptorio.

E diz aqui a empreza baixinho: — Pois sim, chama-lhe nomes!

E como se isto não bastasse para remexer e fazer voar os papelinhos, já se annuncia para muito breve a vinda a Lisboa de Maria Guerrero, a famosa actriz hespanhola, que tantas ovações mereceu, ha pouco nos mais notaveis theatros da Europa, e tão enthusiasticos artigos inspirou aos mais conceituados criticos.

Não nos preparamos muito na quaresma para a penitencia, nós todos que adoramos a arte, nós todos, que, mesmo quando a arte a serio é posta de parte, não desgostamos de umas horas alegres, que nos desanuviem o espirito d'esse papão do ámanhã.

Que nos lembrasse o tempo em que estamos, só tivemos — n'esse unico famoso dia lindo — a tão antiga e, para quasi todos tão commovente, procissão dos Passos da Graça.

É um lindo espectaculo religioso e a sua antiguidade em Lisboa traz-lhe um perfume de tradição que mais commove.

Aquella mesma devotissima imagem atravessou muita vez as ruas da velha cidade, e os nossos velhissimos avós, em tempos de mais crença que o d'estes tempos infelizes, á sua passagem curvaram o joelho. Tem ella sido a confidente de muita desgraça, de muito anceio, de muita desesperança. Muitos labios febris oscularam as chagas d'aquelles pés; muitas lagrimas as regaram. Muitas almas, depois d'uma oração fervente, sahiram da capella da Graça aquecidas pela esperança, illuminadas pela fé.

É o Senhor dispensador das mercês. N'Elle pensam os que estão longe e lhe fazem promessas para um feliz regresso. N'Elle confiam, e só a lembrança d'Elle consola as almas e traz-lhes com a fé a quietação.

Muitas e muitas gerações tem Elle visto curvadas á sua passagem pelas ruas, onde a vida da cidade rumoreja. Tem ouvidos para todas as supplicas, coração para todas as desgraças. Toda a miseria humana lhe tem sido contada, como se Elle a não soubesse, e, pela miseria humana caminha Elle coroado de espinhos, vergado sob a cruz.

O filho d'um carpinteiro dizia-se filho de Deus, e pela Via Dolorosa passava, levando a cruz ás costas, insultado por todos. Quando hoje pelas ruas levam em triumpho a imagem d'Elle, todos ajoelham. Passa a imagem do Filho de Deus, do que morreu para nos dar vida.

O sol brilhou esplendido n'esse dia; as ruas e as praças encheram-se de gente. Passava a imagem d'um condemnado á morte, e havia no ar a alegria d'uma ressurreição.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

VISCONDE DE VALMOR

Em 25 de dezembro do anno passado, recebeu-se em Lisboa noticia de ter fallecido em Paris, o sr. Visconde de Valmor. Telegrammas anteriores áquella data tinham trazido noticia de que o illustre diplomata estava gravemente doente, entretanto a má nova da sua morte surpreendeu dolorosamente o melhor da sociedade lisbonense, onde o fallecido era muito estimado.

O sr. Visconde de Valmor, Fausto de Queiroz Guedes, pertencia a uma das familias mais illustres da nossa sociedade, e, ao mesmo tempo das mais ricas.

Desempenhou altos cargos politicos, como o de governador civil de Lisboa e o de ministro plenipotenciario portuguez junto de varias côrtes da Europa, tendo permanecido por mais tempo na côrte de Vienna d'Austria.

Tinha assento na camara alta, como par do reino que era, e ali tomou parte em varias legislaturas, militando no partido progressista de que foi um dos seus mais distinctos ornamentos.

Quando, porém, não merecesse por todos estes titulos e serviços prestados ao paiz, a gratidão dos seus conterraneos, outro motivo, não menos para apreciar, veio impôr o seu nome á veneração e respeito dos portuguezes, muito principalmente á classe artistica que mereceu ao illustre extincto, decidida protecção, como o provou em suas disposições testamentarias. Effectivamente no seu testamento deixou dois legados importantes, que provam quanto elle se interessava pela arte e artistas portuguezes, interesse tão pouco vulgar na maioria de nossos homens publicos, que certamente o determinou, além da sua natural inclinação para o bello, o convivio e permanencia por tantos annos nos paizes onde as artes tem maior culto.

A cidade de Vienna d'Austria, onde o sr. Visconde de Valmor viveu tantos annos, com os seus grandes palacios architectonicos e monumentos, talvez fizesse despertar no espirito do illustre diplomata o desejo de vêr progredir tambem no seu paiz este bello ramo da arte, e d'ahi o instituir um legado, premio annual para o auctor do edificio melhor construido segundo as regras da arte.

O segundo legado que deixou com respeito a coisas d'arte, foi o de subsidiar artistas portuguezes para irem estudar no extrangeiro. A importancia d'estes dois legados é escusado encarecel-a. Honra sobre modo a memoria do illustre testador, que no meio da sua opulencia e entre o fausto das côrtes em que passou boa parte da vida, não se esqueceu, e antes tão dedicadamente se lembrou dos artistas portuguezes, os quaes apesar de tanto lhes faltar os elementos de estudo e incentivos para progredir, tem conseguido hourar as artes portuguezas nos certamens extrangeiros onde concorrem artistas de todo o mundo.

Bem merecidas são todas as homenagens prestadas á memoria do illustre extincto, em que a somenos é a que o Occidente hoje lhe rende, como a um benemerito da arte portugueza.

UMA QUERENA NO TEJO

Bem se diz que a necessidade é engenhosa, e hoje, que o Tejo principia a povoar-se de docas para abrigo e para concerto de navios, é bom archivar como antes de haver essas docas se concertavam muitos navios no Tejo.

Era a querena, que raramente se vae vendo em o nosso rio, e admirava a extrangeiros o vêr como assim se concertava um navio em suas obras vivas, sobre a agua.

A pericia dos marinheiros portuguezes para adornarem um navio só o bastante para descobrir o costado de bombordo ou de estibordo; a destreza dos carpinteiros e dos calafates em armarem baileus sobre o costado e assim procederem aos concertos necessarios, era trabalho que a todos admirava, e comtudo praticava-se com frequencia, que pôr um navio de querena não passava de ser uma manobra como outra qualquer.

O assumpto, pois, da nossa gravura é dos tempos idos e por isso tanto mais de apreciar o desenho do fallecido pintor de marinhas Pedroso, que assim deixou uma recordação das querenas no Tejo, um documento curioso para a nossa historia maritima.

BOLHAS DE SABÃO

Linda, iriada como uma joia preciosa feita da poeira de todas as joias, a bolha tremúla na ponta da pallinha.

É toda a paizagem em redor n'ella se reflecte cheia de luz, como devem de ser os jardins das fadas n'uma aurora de abril. Os contornos são avivados por finissimas arestas de côres variadas, recortadas em rubis, em topasios, em esmeraldas, em saphiras, em amethystas.

Um pequenino impulso, e a bolha vai despegar-se da palhinha onde a sopravam. O vento vai eleval-a e ella vai subir para o céo, cheia de luz procurando luz ainda mais viva, novos aspectos fantasticos, mais variadas decorações.

Hesita, pára, gira, sobe, torna a descer, torna a subir, dá-lhe o vento e foge.

E os pequeninos riem, riem, muito elevados.

Mais um sopro de vento, um nada, uma folha que se despegou d'uma arvore, a onda ligeira d'um bater de azas de andorinha, e a bolha sumiu-se, foi-se toda a opulencia d'um sonho!

Ah! bolhas de sabão! bolhas de sabão! Quantas fazemos na vida, quantas sopramos em sonhos até á velhice! Felizes d'aquelles a quem não cae na ponta do nariz a gota d'agua suja em que ellas tão breve se transformam!

Um sopro e eil-as criadas. Um sopro e eil-as voando. Mais um sopro e eil-as desfeitas!

GUTTEMBERG

Apezar do muito que se tem dito e escripto ácerca de Guttemberg e do seu maravilhoso invento — a Imprensa, o assumpto não está, comtudo, exgotado.

Ainda, ha pouco, vimos n'uma obra intitulada *O livro belga* e publicada pelo Circulo dos Impressores de Bruxellas, uma *lenda do livro*, em que se faz a phantastica narrativa de uns certos amores de Guttemberg, relacionando-os com o descobrimento da typographia. Tambem o sr. Gilliodt Van Severen, archivista municipal de Bruges, publicou ultimamente um opusculo intitulado «*L'OEuvre de Jean Brito*» no qual affirma que doze annos antes que Guttemberg imprimisse a celebre Biblia de Moguncia, imprimira João Brito, com caracteres moveis de metal, em Bruges no anno de 1445, um livro intitulado *Doctrinael*, que se conserva na bibliotheca nacional de Paris. João Brito intitula-se a si mesmo «cidadão

de Bruges, impressor de livros e inventos» : mas no appellido revela origem portugueza.

Esta ultima noticia dará occasião a seria controversia. É certo que será bem difficil depor o grande Guttemberg da sua altissima séde; mas os factos são resistentes mais que os robles seculares e o livro da bibliotheca nacional de Paris deve ter uma explicação completa e categorica.

A historia da imprensa em Portugal não se pode liquidar. As mais antigas referencias já a dão em Portugal no anno proprio em que foi descoberta por Guttemberg, como o fez Mendez Sylva no seu *Catalogo Real de España*, editado em 1755, em Paris.

Aparte todas as reivindicações que os investigadores possam fazer, o nome de João Guttemberg será sempre o de um heroe do trabalho. Mais tarde tornar-se-ha, é certo, n'um symbolo, como o de Homero, mas jámais deixará de se considerar como é justo que se faça e o grande Lamartine o estudou na formosa biographia que d'elle escreveu e a qual é ainda o que de melhor podemos indicar ao leitor.

OS CENTENARIOS

GARRETT — CASTILHO

Datam d'este seculo, em que o progresso das sociedades cada vez mais tende a accentuar a decidida supremacia do poder espiritual da sciencia e da arte, as solemnes commemorações civicas centenarias, pelas quaes se relembra e aviva no espirito das gerações a memoria dos relevantes feitos e serviços prestados á patria e á humanidade por algum vulto eminente do passado. Estas commemorações não são meros festejos populares promovidos para gaudio e diversão das multidões; são actos publicos destinados expressamente a despertar a emotividade cerebral de um povo, a fazer-lhe vibrar na alma um forte sentimento de nacionalidade e de amor pelo progresso e a insuflar-lhe a nota superior, alevantada, épica das suas glorias. Foi o seculo XIX que iniciou estas manifestações civilisadoras e nada é de extranhar que tão proveitosa usança se accentue de mais em mais nas sociedades hodiernas, como um processo de educação intellectual e moral. A celebração do centenario de um vulto emerito nas artes, nas lettras ou nas sciencias, de um cidadão prestante que dedicou ao bem estar ou á gloria dos seus concidadãos e da sua patria, todos os recursos da sua intellectualidade, é para a patria um dever tão sagrado, como o que ao bom filho corre de perpetuar e respeitar o nome paterno, conservando perenne a sua memoria com disvelada ternura.

Tambem Portugal, não obstante a atrazada cultura do povo, na sua grande maioria analphabeto, tem conseguido da feliz iniciativa das suas limitadas classes cultas, acompanhar condignamente este movimento do seculo, celebrando e apregoando bem alto a sua gratidão aos vultos superiores do seu cantor epico — Luiz de Camões, do seu inolvidavel administrador e estadista — Pombal, dos seus gloriosos navegadores — representados pelo Gama e Infante D. Henrique. Grandes foram estas celebrações, porque do objecto d'ellas derivava intensa irradiação de luz, gloria dos tempos passados e incentivo para as gerações futuras.

Quantas dividas porém ainda por pagar! A quantos dilectos filhos deve a patria immarcessiveis serviços! Quantos artistas a tem illustrado e ennobrecido com o pincel ou com o escopro, com a penna, com a palavra ou com o pensamento? D'esses vultos egregios dos seculos passados, que tanto mais gigantes se nos affiguram quanto mais remota é a epocha em que viveram, remonta-se o espirito culto ás luminosas figuras dos que, em mais recente data, promoveram a reorganisação social do paiz, buscando, por uma nova orientação dos costumes, das artes, da litteratura, da instrucção popular, arrastar Portugal ao deslumbrante convivio d'esta civilisação latina do seculo que está prestes a expirar. Os convencionaes de 1820, os heroes da independencia e da liberdade, os fundadores do nosso renascimento artistico e litterario, os propugnadores da instrucção popular, são os alvos sobre que recahem as attenções reconhecidas da actual sociedade culta.

Nem sempre é forçoso que a impiedosa morte tenha arrebatado da terra estes trabalhadores indefesos do Progresso, para que, não obstante as dissidencias de seitas e de partidos, as ruins invejas e a nefasta influencia das paixões, um ou outro vulto vingue impôr-se ao culto e veneração geraes. Para esses raros casos iniciou tambem o seculo as glorificações solemnes, os jubileus civicos. Victor Hugo é consagrado em vida no octogessimo anno pelas multidões que o adoram, como João de Deus o poeta singelo popular, o dedicado propugnador do ensino das creanças, foi acclamado pela mocidade das escholas. Os funeraes d'estes benemeritos representaram a dôr e consternação da Patria conscia da grande perda que soffria; a sua glorificação significou o amor que em volta d'elles se gerara.

Indicou-se á publica commemoração o prestigioso nome de Garrett e logo um espirito generoso acode apontando o nome de Castilho. Rebuscam-se as datas e na anciedade de prestar homenagem aos seus inolvidaveis trabalhos, concita-se a opinião a promover as justas celebrações que lhes eternisem e divulguem os nomes e os serviços que a Patria conserva cuidadosamente registados no livro das suas dividas eternas.

De Garrett que diremos? O Filho n'aquella Trindade gloriosa que symbolisa o periodo aureo do renascimento das lettras, iniciando o romantismo, onde o Deus Pater é representado pelo austero vulto de Herculano, e a pomba do Espirito Santo pelo cego vate que dedica uma bôa parte da sua vida e da sua actividade ao ensino das criancinhas, Garrett é o inspirado engenho que ora vôa á elevada concepção de um grande poema, como o *Camões*, ora por um rasgo de iniciativa litteraria e governativa lança as bases do moderno theatro portuguez com dramas de cunho superior, como o *Fr. Luiz de Sousa* e o *Alfageme* e com comedias de fina graça como a *Sobrinha do Marquez*, ora cultiva com rara sublimidade a poesia lyrica, ora se manifesta orador eloquentissimo nas camaras e nas academias, ora porfim, para fechar o cyclo admiravel da universalidade das suas aptidões, cria o romance moderno, faz a critica da arte, a apologia da educação.

Castilho, traz outras recommendações na sua bem provida bagagem. Cego desde a infancia, desconhecendo a natureza viva, nos seus ridentes aspectos, emprega a escuridão perpetua de um cerebro que continha em si luz bastante para illuminar uma sociedade inteira na cultura esmerada das linguas. Conhece a fundo o latim, o francez, o inglez, o allemão; burila o idioma patrio como ninguem; enriquece-o, adorna-o, aperfeiçoa-o, augmentando assim o patrimonio commum da linguagem culta. Maneja a poesia como mestre, a prosa com o mais classico primor, vasando as suas creações nos antigos puros moldes do classicismo, fria mas magistralmente trabalhados. Ver-te na contextura da nossa lingua os mais preciosos poemas dos latinos e varios primores das classicas litteraturas europeas. A par d'isso porém absorve-o, como a João de Deus, o pensamento de ensinar a lêr ás criancinhas, libertando-as dos crueis velhos methodos pedagogicos, pelo canto suave, melodico do seu *Methodo de Leitura*. Devem-lhe as gerações actuaes o seu primeiro ensino, hoje transformado e melhorado, mas que áquelle tempo representa um indefinivel progresso. Castilho, além de tudo isto, symbolisa uma facção; não é um homem só, é um cego capitaneando uma pleiade de poetas e de heroes — a familia dos Castilhos, na qual raro é o que não deixa o seu nome vinculado nas paginas da historia ou nos annaes das lettras.

Surgem porém duvidas e conflictos sobre a opportunidade de taes commemorações a que chamam *Centenarias*, apontando-se para ellas as datas em que sobre o nascimento d'estes prestigiosos vultos decorreu o lapso de cem annos. Este intuito é de facto contrario á verdadeira comprehensão de taes celebrações. Latino Coelho o eminente cultor das lettras, bem o ponderou no seu elogio de Camões lido na sessão solemne da Academia Real das Sciencias, commemorativa do Centenario do grande poeta — celebra-se o centenario de um homem na data do seu passamento, porque é desde então que o seu nome pertence á historia e que elle passa a viver a vida nova no coração da humanidade. Para os grandes genios a morte não é senão o começo da eterna apotheose. A rememoração da data em que nasceram poderá ser louvavel piedade de filhos, de irmãos, de parentes e amigos; a patria, porém, a Historia, só lhes regista o glorioso nome no bronze das suas paginas, quando chegados á meta extrema da existencia, transpõem os humbraes da eternidade deixando á critica julgadora os trabalhos de toda a sua vida; começa então a canonisação d'esses heroes, d'esses poetas, d'esses sabios que com o seu engenho impelliram doce ou rudemente a humanidade na senda do progresso. A sua morte é a transfiguração para a eterna gloria.

Concordamos pois em these com a consagração dos que bem serviram e honraram a patria; façamos porém d'esta commemoração centenal do seu nascimento, uma festividade, por assim dizer familial. E façamol-a para satisfazer os justos desejos de muitos que os conheceram vivos, que os auxiliaram ou seguiram, que os acompanharam com a sua admiração e fanatismo, para que esses velhos amigos e admiradores possam ajudar a lançar com as mãos tremulas pela decrepitude, o primeiro fundamento da consagração eternal. E não só por isto, mas tambem para trazer á convivencia, cuja utilidade é inutil encarecer, d'esses prestigiosos e dedicados anciãos, as gerações actuaes, representadas nos homens do nosso tempo, e as futuras, representadas pelas camadas escholares. N'essa convivencia e associação de tão diversos periodos da nossa sociedade, ha de gerar-se necessariamente a forte corrente de respeito e estima pelos que ennobreceram a patria em diversas epochas e pelos variados processos das suas excepcionaes aptidões.

Mais ainda. A esta primeira commemoração festival. hão de associar-se os eleitos, a extreme sociedade culta, a terra que serviu de berço ao glorificado e as corporações que mais lhe deveram, para juntos tomarem o compromisso solemne de propagar e divulgar a obra do vulto cuja memoria saudosa ali os reune, preparação indispensavel, principalmente em paizes de tão atrazada cultura cômo o nosso, para se poder levar a effeito a ulterior celebração civica, no centenario da sua morte.

A saudade, os vinculos de amisade, de fanatismo por vezes que prendiam esses anciãos, esse grupo de escolhidos ao illustre extincto serão o mais forte estimulo para a vehemencia da celebração, e os mais poderosos elementos para a perfeita e justa comprehensão historica do seu caracter e da sua obra, subministrando preciosos dados intimos e secretos para a sua completa biographia.

É é este talvez um dos maiores beneficios que d'estas celebrações, prematuras por assim dizer, pódem derivar: a iniciação de uma série de investigações, estudos criticos, annotações, esclarecimentos, colheita de episodios, anedoctas, pequenos nadas intimos e desconhecidos que por vezes tão extranha e inesperada luz vem lançar sobre a apreciação dos homens e das coisas.

Não se desvirtuará assim a doutrina e significação que mais racional e justamente tem sido attribuida ás commemorações centenarias.

Victor Ribeiro.

A ALLEMANHA MILITAR

APONTAMENTOS D'UM OFFICIAL NORTE-AMERICANO

(Continuado do n.º anterior)

São os allemães parcimoniosos em extremo nos seus habitos, e, ao visitar qualquer quartel em Allemanha, ninguem acoimará de extravagantes as authoridades militares d'aquelle paiz; não obstante, no que diz respeito a fardamento, antolham-se-nos ellas em extremo liberaes: cada soldado dispõe de cinco uniformes alternativamente destinados a diversos generos de trabalhos. D'estes, o menos dispendioso é o de linho crú, que usa no verão para serviço de quartel, e o mais rico, o de gála e que reserva para as magnas occasiões, taes como, por exemplo, a grande revista da Guarda Imperial que se effectua todos os annos, na primavera. Além d'estes, porém, dispõe de outro ainda, que elle veste com intervalos mais ou menos frequentes, e apenas em caso de guerra e quando o imperador expede ordem para mobilisar o exercito.

Então, e só então, apparece á luz do dia o uniforme novinho do trinque, e o soldado, invergando-o, marcha, de ponto em branco, a encontrar o inimigo.

As tropas que marcharam para a fronteira, em 1870, mais pareciam fardadas para uma revista do que para os rudes trabalhos de uma campanha.

Mantem-se entre a officialidade allemã rigor tyrannico que a nossos olhos pareceria odioso — e não se trata de tyrannia para com o soldado, mas sim da dos officiaes superiores para com os inferiores.

O facto póde apenas encontrar explicação nas regras que, no exercito allemão, governam a admissão dos officiaes. N'outros paizes, em geral, succede o mesmo que na America; entre nós, a admissão no exercito obtem-se em resultado de exames

assaz apertados — e disse. Na Allemanha, porém, o candidato ás dragônas tem não sómente que passar por complicada serie de exames assaz difficultósos, mas ainda, para entrar em qualquer regimento, de ser approvado pelos officiaes d'esse mesmo regimento.

Assim pois, um mancêbo, embora haja manifestado proficiencia em conhecimentos militares, póde muito bem ver-se impedido de vestir a farda de official pelo facto, v. g: de nos regimentos todos do exercito julgarem desagradavel a sua presença á meza dos officiaes. Poderão talvez allegar que todo o individuo que não consiga ser admittido em um regimento, só que seja, o melhor que tem a fazer é não entrar para o exercito, adduzindo que, desde o momento que elle é impopular entre esses que tem todo o ensejo de lhe conhecer os precedentes, não o seria menos, sem duvida, aos olhos do soldado, e como tal um impecilho para o bom andamento do serviço. O exercito allemão é, nominalmente, a mais democratica em que se reproduzem, desde séculos, não só os nomes, como ainda grupos de nomes, indicando que as tradições do viver social se transmittiram de geração a geração, em linha ininterrupta, desde essas eras em que a Prussia constituia apenas uma provincia do Imperio romano. E' tão intimo o viver da officialidade em qualquer regimento, que a admissão de um externo apresenta para todos os seus membros, desde o coronel até ao alferes, — assumpto para certos debates; e envidam os maximos esforços afim de que o candidato mantenha as tradições accumuladas no regimento. Os actos pessoaes do official allemão, assim que faz parte de um regimento, são desde logo influidos pelas opiniões dos seus superiores — sem exceptuarmos o matrimonio.

Official nenhum pode casar sem licença do seu coronel, e o consentimento d'este só o obtem em vista do resultado favoravel de minuciôso inquerito ácerca de todas as circumstancias coincidindo com a alliança proposta. Primeiro quesito: — é cito allemão, que apenas o tolera em casos extremos, e quando hajam falhado os meios todos possiveis de reparar a offensa.

Constituem-se entre a officialidade allemã tribunaes de honra, convocados com o fim especial de derimir casos que poderiam acarretar o duélo; são submettidos a estes tribunaes tão somente as questões pessoaes mais delicadas, e incumbe-lhes deliberar se o caso se pode resolver apologeticamente, e a pendencia evitada, ou não. Todo e qualquer official que se aventure a brigar em desafio sem consentimento de um tribunal de honra incorre no desaire immediato de ser exautorado, podendo affirmar-se, portanto, que esses tribunaes concorrem immensamente a difficultar o duélo, quando não seja a tornal-o impossivel.

A posição de official do exercito é, em Allemanha, de todas a mais cubiçada. Não é isto devido meramente ao facto da officialidade allemã descender, por via de regra, de illustres familias, nem pode attribuir-se unicamente tambem ao regime

UMA QUERENA NO TEJO

instituição militar da Europa, pois que todo o homem valido é chamado á fileira, isto sem distincção de raça, de côr, ou de cathegoria social.

Na realidade, porém, a faculdade de *véto*, de que dispõe a officialidade de qualquer regimento com respeito ao candidato a official, não constitue obstaculo serio para este, visto como, por via de regra, todo o individuo que ambiciona a charlateira, quasi sempre dispõe de amigos em um ou outro regimento; e seja dito em abono da verdade, não haveria em Allemanha um só corpo de exercito que excluisse um individuo sem motivos considerados validos pelo ministerio da guerra. A preceituação actual, reune, comtudo, as seguintes vantagens, — fomenta entre os officiaes de um mesmo côrpo não só o sentimento de que constituem outros tantos orgãos de machina vastissima, mas ainda, que, no seu conjuncto, representam organisação social ligada por laços tão intimos quaes os que unem os membros de uma loja maçonica; que devem, quer na paz, quer na guerra, ser absolutamente solidarios, e que a honra de um só é a honra de todos elles. Differem os regimentos allemães entre si, tal qual as familias. Regimento ha ou não a noiva digna de associar com as esposas dos outros officiaes? Segundo: — dispõe, ou não, o noivo, de meios sufficientes para viver com decencia, elle e a respectiva familia? Terceiro: — Estão, ou não, os havêres do noivo, ou da noiva, representados por valôres sólidos, de modo a que o primeiro não incôrra no perigo de ser expulso por motivo de bancarrôta? Taes precauções afiguram-se nos paternaes, em demasia, estou porém persuadido de que concórrem a evitar muita desventura, quantos officiaes não haverá promptos a contrahir os laços do matrimonio sem pensarem sequér nos meios que lhes garantam o futuro! Temeridade que muitos evitariam decerto, se podessem vêr as coisas da vida com os olhos dos que contam mais experiencia.

A mesma sollicitude paternal patenteia-se ainda na attitude das auctoridades militares allemãs com respeito ao duélo. As pendencias de honra vão felizmente sendo raras entre os officiaes d'aquella nação, devido ao desagrado que o imperador manifesta por semelhantes desforços pessoaes e aos regulamentos que restringem o appello para o sabre. O duélo foi condemnado pelo exer- paternal a que nos corpos do exercito está submettida a mesma officialidade, ou a exclusão systematica de elementos cuja presença não seja para desejar. Acima d'isto e de tudo mais, a nação presta justiça á superior educação intellectual do official, respeita n'elle o trabalhador infatigavel, o defensor com que conta em caso de guerra. A eventualidade de uma invasão extrangeira está sempre tão presente no espirito germanico, que o exercito nem por momentos perde aos olhos do povo a sua magna significação. Entre nós, na America, o soldado vive tão longe, tão afastado, nos confins da civilisação, que nem ouvimos, quasi, falar n'elle, e mais de um americano terá attingido edade madura, sem que por isso seja capaz de descrever o uniforme do exercito da sua nação. O official allemão nunca larga a farda, e, aonde quer que appareça, representa, a um tempo, a magestade da lei e o poder nacional.

Um publicano qualquer, deseja, por exemplo, recommendar-nos a sua cervejaria, não encontra argumento mais poderôso do que o declarar que é frequentada por officiaes.

Um theatro a que não concorram officiaes con-

BOLHAS DE SABÃO

sidera-se como tendo cahido abaixo do nivel da boa sociedade.

A presença de officiaes é cubiçadissima em bailes e jantares, pois é opinião corrente o serem gente bem educada, e de intelligencia culta. Durante as grandes manobras do outomno, a officialidade é aquartelláda nos domicilios dos proprietarios da visinhança, e o facto, em vez de ser tomado como imposição incommoda, é em geral aceito com agrado por todo aquelle que recebe em sua casa um official aboletado.

Quando paradas e revistas constituem a ordem do dia, e o transito é interrompido nas ruas obstruidas, a amizade de qualquer official deixa de constituir praser sentimental, apenas, porque é elle quem vos pode facultar passagem atravez das fileiras, perante as quaes a policia contem em respeito o grande exercito dos cidadãos.

O official com a sua farda penetra por toda a parte, desde o momento em que abotôa no hombro a presilha dourada, disfructa vantagens sociaes que outros individuos em differentes modos de vida só logram attingir quando chegam a ser verdadeiramente distinctos. Frequentar a côrte é considerado na Allemanha privilegio por ahi além, e poucos são os que conseguem penetrar n'esse circulo magico quando não pertençam ao exercito.

Todo o official tem entrada *de jus*, na côrte, a esposa d'este, porém, se não pode reivendicar descendencia illustre, arrisca se a ser excluida. Em Inglaterra, por exemplo, qualquer bicho carêta que queira incorrer na despeza d'um trajo de cerimonia pode ir á côrte, e os americanos, quando vem a Londres, conseguem com a maxima facilidade ser apresentados á rainha.

Mr. W. Phelps escrevia, não ha ainda muito tempo, que n'estes dezoito annos mais recentes, não tinha sido apresentado na côrte allemã um unico americano, salvo por pedido especial do ministerio dos estrangeiros, ou por vir incumbido de missão official.

Por aqui se poderá formar ideia da magna importancia attribuidá em Allemanha á méra apresentação formal ao soberano, que tanta freima inspira a quantos a não conseguem obter.

As vantagens sociaes devéras extraordinarias que desfructa o official allemão, e as responsabilidades pecuniarias que d'ahi obviamente lhe resultam, fazem com que o seu diminuto sôldo,—um primeiro tenente vence, approximadamente, um *dóllar* por dia—pareça ainda mais reduzido do que é na realidade. Uma senhora americana que passou um inverno em Dresda contou-me que os rapazes solteiros da guarnição, todos á uma, traziam na algibeira uma lista das noivas em disponibilidade, infeitados os nômes respectivos com a maquia que cada uma d'ellas esperáva herdar. Estou certo de que, por parte d'ella, isto não seria mais do que força de expressão, na essencia, porém, não deixa de ter seus visos de verdade. Os officiaes allemães que estacionam nos centros mais populosos, e como taes, d'elles mais pretendidos, não raro contrahem dividas e vêem-se obrigados a optar entre duas hypotheses—deixar o exercito de modo desairôso, ou casar ricos.

D'este modo se explica o motivo que impelle tão grande numero de officiaes a casar com judias, a despeito da circumstancia de que nenhum judeu pode vir a ser official allemão.

Não pretendo affirmar que os officiaes d'esta nação sejam mais mercenarios do que os de outros quaesquer exercitos, mas se elles são tantos! Em tempo de paz o numero ascende a 30.000, proximamente, não admira pois que entre elles avultem os máus.

Ouvi queixarem-se da mesma tendencia, no exercito inglez, onde a pága é pequena relativamente ás exigencias sociaes, que são grandes. A julgar pelo que vi com meus proprios olhos, o official allemão, em geral, pareceu-me casar por affeição, e como tal, julgar-se feliz.

E' consideravel, sem embargo, o numero dos que contrahem dividas, e não conseguem arranjar casamento rico, com quanto a coisa não venha, por assim dizer, á tona d'agua; esses individuos desapparecem, simplesmente, e mais tarde ou mais cêdo, lá vão parár á America, fazem-se cocheiros, creados de botequim, méstres, ou instructôres em picadeiros. Semelhante mudança de vida é violentissima, não ha duvida, mas, então, sempre é melhor que o suicidio!

E' notavel o reduzido numero de officiaes que se encontram pelas ruas, se o compararmos com o tamanho da guarnição, e isto explica-se pelo facto de terem uma vida laboriosissima e não lhes sobejar tempo para fazer alárde de suas pessoas. Erguem-se da cama ás quatro horas da manhã, durante as estações favoraveis do anno, montam a cavallo, e saem a exercicio aturado com as praças de seu commando, levam a tarde toda no serviço do quartel, com relatorios, e uma sucia de nicas e impertinencias, de praxes rotineiras, de modo que, quando chega a noite, estão cançados a valer. Em França, Russia, Italia e Austria sobeja ao official muito mais tempo, pelo menos, a julgar pelo aspecto das ruas. Em Inglaterra e na America, pode affirmar-se que o official encontra grande difficuldade em empregar os seus ócios sem fastio, salvo se é um sujeito de indole excepcional, d'esses a quem os collegas apodam de *caróla*, de individuo com tinêta. O official allemão, alem de se achar sobrecarregado com um excesso de trabalho rotineiro, que vae muito além d'aquelle que pésa sobre os seus camaradas em outros exercitos, tem ainda de preparar-se para os exames periodicos dos quaes está dependente a sua promoção.

Isto explica, talvez, o motivo pelo qual, nas relações sociaes, o official allemão, além do proprio idioma, fala, em geral, duas ou tres linguas.

Haverá um mez, assistindo a um jantar, encontrei-me com um official de artilheria, que nem sequer fazia parte do estado maior general, e descobri, por acaso, que entendia e manejava seis linguas estrangeiras, a saber, russo, polaco, inglez, francez, escandinavo e italiano. Era homem que tinha de seu, e não obstante, estava sempre a estudar novos assumptos, com o intuito unico de enriquecer o seu peculio d'instrucção.

(Continúa). *Pin-Sél.*

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA * * *

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

LIVRO I

XV

A FLORISTA

Na segunda noite, apesar das supplicas de Violante, deixei-a para ir ao café Nuovo. Um veneziano ciumento e ultrajado é fera para temer-se. Mas a primeira pessoa que encontrei no café foi Lucrezia, a florista, que tinha ares de me esperar.

Apenas me viu, disse-me em voz baixa:

— Sabe da nova?

— De muitas sei, mas talvez dessa não.

— Encontraram Antonio, hoje de manhã cedo, estendido junto do palacio Riminio. Estava quasi a morrer, delirante; quiz afogar-se; não o conseguiu. Levaram-o para o hospital e o medico disse que não respondia por elle. Parece que um gondoleiro viu-o esta noite passeando só na gondola. Muito tempo esteve parado em frente da porta de Violante antes de se deitar á agua. O outro pescou-o, deu-o por morto e deitou-o junto aos humbraes, chamando o velho Bernardo. Como ninguem respondesse, o gondoleiro fugiu, não fosse alguem accusal-o de haver morto o companheiro. E' o que se diz no Arsenal e no Canal-Grande.

— Pobre rapaz! exclamei involuntariamente. E Violante, que é d'ella? perguntei á florista, que olhava para mim com extranha attenção.

— Oh! Violante! Melhor do que os outros deve o senhor saber para onde esta manhã a levou o seu pésinho ligeiro, porque o amor tem azas.

E misteriosamente accrescentou:

— Acredita em tudo o que se diz no Arsenal e no Rialto?

— Que vem a ser?

— Que um extrangeiro rico teria aproveitado a distracção de Antonio, quando este passava sob a varanda da sua bella, para lhe dar a provar das aguas da lagôa.

— Está doida! exclamei.

Disse-me então muito ao ouvido:

— Esteja descançado, senhor, que eu sou discreta; mas tambem sei do interesse que teria no silencio de Antonio por algum tempo. Dê-se por feliz que elle não lhe morresse de vez.

— Vá para o diabo! exclamei, empurrando-a.

— Pois vou, respondeu com o maior socego; mas dou-lhe de conselho que não envelheça em Veneza. Antonio póde entretanto curar-se e o senhor, embóra francez, pode alguma vez ouvir fallar dos juizes venezianos. Temos sempre aqui o espirito do Conselho dos Dez.

— Má rabugem te dê, maldita mulher! Cuidas tu que me põe medo Antonio?

E sahi n'um estado de colera e de indignação facil de explicar-se.

Voltando a casa, graças á frescura do ar, depressa recuperei o socego e o sangue frio.

— Vamos, raciocinemos, disse, e vejamos claramente a situação:—D'um lado Violante, que é encantadora e que eu amo como doido; do outro uma atrapalhação, boatos absurdos mas verosimeis, espalhados por esta florista do diabo. Ora eis o que nos poderia tornar muito desagradavel a estada em Veneza, a Violante e a mim. Só a minha missão artistica me impede de partir, mas mostrarei Violante aos meus amigos, dizendo-lhes:—Eis a synthese de toda a arte veneziana, discutam-a sobre este thema, senhores neo-plasticos e senhores idealistas! Logo parto, partimos, e quanto mais cedo melhor!

Voltando a casa, participei minhas tenções a Violante. Recebeu-as com extremos de alegria que me encantaram. Nunca está a ventura onde estamos, por isso as viagens nos agradam tanto.

Minha bagagem de viajante era ligeira; a de Violante mais ligeira ainda. Depressa arranjámos as malas. De manhã cedo, fomos ao bairro dos Judeus, ao Ghetto, e comprei para Violante um sem numero de nadas de que se vira privada até então.

Foram gargalhadas, beijos, demonstrações de alegria, capazes de fazer inveja ao mais mazombo dos turcos do Rialto.

Demorámo-nos muitas horas no Ghetto, comprando aqui uns collares d'ambar do Oriente; ali uns collares de coral de Napoles; acolá tecidos transparentes da India, albornós da Argelia, perolas da Barbaria, que mais sei eu! Sahimos emfim do Ghetto, Violante vestida adoravelmente meio ao modo de Veneza, meio ao modo asiatico, eu levando uma mallinha cheia de nonadas, ninharias, curiosidades dignas d'uma sultana bonita.

Emquanto ella escolhia uma saia com tecidos d'oiro, deu-me mais uma prova de seu imperioso caracter. Eis como: a caixeira queria roubar-me no preço, Violante chamou-a á ordem, mas vendo que a mulher repontava d'alto, começou a bater-lhe, a desancal-a.

Não sahimos de Veneza sem darmos um ultimo passeio de gondola pelo caminho mais longo. Disse o meu adeus á cidade dos doges, apertando em meus braços a formosa cabeça de Violante, cujos olhos não se despregavam dos meus. Chorava, mas não era Veneza, não era a familia, não era o noivo a causa de tantas lagrimas: era a alegria, era o amor; era o encanto em que nos põe a alvorada d'uma vida feliz, nova desconhecida.

— Vês tu? dizia-me ella enfeitiçada. Duas vezes me soubeste metamorphosear! Vê estes meus trajes orientaes; não dirias um arco-iris? Pois um arco-iris assim me puzeste n'alma!

E sorrindo, com o seu divino sorriso:

— Mas não te esqueças, tens, terás sempre ao teu lado uma veneziana!

XVI

A ARVORE DA SCIENCIA

Julgava eu muito ingenuamente que, atravessando a Lombardia veneziana, faria admirar a Lauretta aquelles campos riquissimos. Era na estação das opulencias. Mas seus olhos no quadro só por momentos se distrahiam, por mais que lh'o eu apontasse.

— Como assim? lhe dizia. Pois nasceste na serra e não te enthusiasmas pela natureza, que afinal não sabe menos de pintura que os teus mestres venezianos?

— É possivel, respondia; mas gosto mais da arte que da natureza. Perverteu-me o olhar, creio eu, este costume de viver entre paineis. A minha admiração, é toda para o Ticiano e o Veronez.

E como eu insistisse sobre as bellezas da paizagem, *Deus fecit*, replicou:

— Em Veneza detestamos a côr verde. No tempo de Napoleão arranjaram nos lá um jardim enorme onde não vai ninguem. A unica paisagem para nós é o Adriatico, onde o céo se mira. Ou talvez sejam as flôres da florista da Praça de S. Marcos. Uma mão cheia de rosas nos basta.

— Exquisito povo; dizia eu, que só gosta de marmores e pedras!

— E de pombos, accrescentou ella a rir.

Emquanto conversavamos, erguia os olhos para o céo.

— Olha, ali tens, disse-me ella de repente, a verdadeira paizagem!

E apontava-me para as nuvens vestidas de branco, franjando-se em orvalho, correndo pelo horizonte, todas rosadas pelo sol.

— Pois não valerá aquillo muito mais que o teu verde muito cru, todo sujo de poeira? A natureza é tambem coquette, que não deve apparecer a qualquer hora, sob pena de perder seu condão magico. O céo faz sempre milagres de côres!

Tudo isto me dizia em seu dialecto muito dôce, melhor do que não sei repetil-o, com expressões mais certas e poeticas. Foi por isso que lhe dei um enorme prazer, quando, d'ali a tempos, lhe recitei estes versos de Theophilo Gautier, que tem por titulo: A NUVEM.

Nuvem, que sobe e fluctua,
No azul a forma esculpindo,
Dir-se-hia uma virgem nua
Nadando n'um lago infindo.

Na concha de madre-perola
Eil-a nos céos a vogar
Pela estrada clara e cerula,
Venus de espuma do mar.

Esfumam-se em modo egregio
Alvuras de jaspe e neve,
Tintas com que fez Correggio
Seus crepusculos de leve.

Recostada em seu cochim,
O flanco incerto contorna;
Em seus hombros de setim
A aurora rosas lhe entorna.

Paira na luz da manhã,
Sobre os Alpes e Apennino,
Do bello primeiro irmã
E do eterno feminino.

Violante tão encantada ficou com os versos formosissimos que logo se póz a cantal-os, improvisando uma musica toda aeria.

Conto-lhes todos estes poeticos pormenores, para que vejam quem era essa extraordinaria mulher, que primeiro eu havia tomado por uma criança, que qualquer moldaria a seu modo.

Violante era um caracter. Cuidava eu que tudo lhe irei ensinar, ella, porém, é que ensinava o vigario.

Caminhava de surpreza em surpreza. Não foi debalde que nossa primeira mãe sacudiu a arvore da sciencia. Por isso as mulheres tudo sabem sem nada haver aprendido. Escutando Violante, punha-me sempre a pensar onde teria ella lido aquillo. Não o lêra, mas falava como um livro aberto. Como todas as mulheres, porém, tinha escutado ás portas. Quantas vezes, no palacio Rondzzico os nobres visitantes tinham deante d'ella discutido artes, historia, philosophia. Uma luz tenue se lhe espalhou pela alma, até que um dia esta se illuminara de vez, tanto Violante abrira os olhos e os ouvidos. Mas, graças a Deus, não era pedante; até fingia que não sabia nada, casta de espirito como o era de corpo, tanto percebia que o occultar a sciencia é o papel da mulher.

— Não sei senão gostar de ti, dizia-me, com o mais adoravel gesto de labios que se haja visto em Paris.

E se ha mulheres cujo sorriso nos encanta, são as de Veneza.

—

LIVRO II

Dei cabo da paixão; ella do coração me deu cabo.

OCTAVIO DE PARISIS

I

OS DOIS POMBOS

Ao deixar Veneza, só cuidava em tomar o caminho mais curto para me vêr em Paris. Mas o homem põe e o amor dispõe, quando é da jornada.

Em Milão cahi em mim e vi que me achava muito seriamente liado á minha loira fugitiva pelo pacto d'um coração. Duas vezes vinte e quatro horas, que no caminho haviamos gasto, abriram-me novos horizontes.

Entre Veneza e Milão fizera uma verdadeira viagem de descobrimentos em volta da minha amante. Em Veneza mal se atrevia a abandonar-se, mas na adoravel solidão da viagem patenteou-me sua alma inteira. Admirára eu primeiramente tão só uma serrana mal civilisada pelo espirito veneziano e finalmente achava uma Velleda italiana, de que a educação franceza breve faria uma Corinna, a menos o pedantismo e a mais a ingenuidade no amor.

Cada minuto d'essas primeiras horas de abandono revelára-me thesouros: delicadezas d'impressão encantadoras, revelações espontaneas, purissimos, finissimos instinctos d'arte, graça, sentimento.

Subi, como S. Paulo, a um céo mais alto que os outros céos. Era Violante a meus olhos como diamante fabuloso, occulto ás vistas, durante eternidades, na ganga de barro e de calcareo, o qual trazido por acaso á luz é o maior orgulho dos mais orgulhosos principes. «Serei, pensava cheio de vaidade, o obscuro pesquisador que o achei, o lapidario artista que o poli, o rei cioso que tão só para seus olhos ha de reservar os mais iriados reflexos.»

Violante mal falava o pessimo francez dos cicerones; tinha a intuição das raras creações do genio humano, mas era ignorante como uma florinha. Não desejava assim mostral-a, tão formosa, mas tão ingenuamente inconsciente do seu valor, na sociedade parisiense, onde ella havia de subir a um dos tres ou quatro thronos da moda, que a certas mulheres pertencem por direito da formosura, da graça ou da intelligencia.

Depois, temia a brutalidade de uma muito rapida transição. Da vida silenciosa e quieta de Veneza passar n'um intervallo de dias para a existencia que em Paris a esperava, activa, buliçosa, ruidosa, seria abalo por demais violento para uma alma na aurora da vida do amor cujas azas um só obstaculo haviam tocado — Antonio.

Como visões ardentes, acodem-me as lembranças aos olhos da memoria; escuto-lhes as vozes; e se não me calaes vossas ironias, ides pôl-as em fuga e nada mais saberei contar.

— Fale, disse eu a Paulo, que me pareceu realmente commovido. Fale para mim e para o Henrique, accrescentei, apertando-lhe a mão.

— Fala, disse Henrique, pelo que me contas interesso-me tanto, como Œdipo, quando pela primeira vez ouviu falar na Esphinge.

— Fazia estas diversas reflexões, continuou Hanteroche, a primeira noite, depois da nossa chegada a Milão. Ficára Violante no hotel Marino e, pretextando não sei quê, sahira só. Queria recolher-me comigo e assentar os meus projectos. Sentia-me mudado do que era em Veneza; precisava portanto descer os olhos em mim. Refugiei-me n'uma das naves lateraes da cathedral. Descia o sol. Parece-me que ainda me vejo sob aquellas immensas abobadas, sentado ao pé d'uma columna. Em volta de mim tudo eram prodigiosos reflexos d'oiro, que desciam das altas vidraças amarellas, illuminadas pelos explendores do poente.

Amigos, como hoje me parece longe essa tarde! Falo-lhes e julgo contar-lhes uma d'essas visões encantadoras, que viram os nossos olhos de pequenino, enfeitiçados, quando, no nosso banco, na egreja velha, ouviamos o canto sublime das santas alegrias, o solemne *Te-Deum*, qué Santo Agostinho improvisou no dia da sua purificação. Tambem eu cantava um *Te-Deum* apaixonado, essa tarde, n'aquella floresta de pilares marmoreos da Cathedral de Milão.

Voltei para o hotel decidido a viajar com Violante pela Italia e sul da França antes de leval-a a Paris.

— A Italia será sempre Veneza para ti, disse-lhe eu; viajando pela Provença teremos tempo de te preparar devagarinho para seres franceza não só, mas ainda mais — uma encantadora parisiense. E assim só chegaremos a Paris no melhor tempo, pelos fins de novembro.

— Dispõe de mim á tua vontade, respondeu Violante, mas gosta sempre de mim!

— Iremos de passeio; colheremos das violetas em Parma; diremos um adeus passageiro á torre inclinada de Pisa; iremos acordar Miguel Angelo em Florença; iremos contal-o em Roma, e em Napoles, a cidade dos preguiçosos e dos namorados, adormeceremos por uns tempos em nossa ventura. De manhã leremos juntos os melhores poetas francezes contemporaneos. Depois, ás horas em que lá não houver inglezes, veremos os monumentos publicos e as galerias de quadros, e contar-te-hei a historia do genio humano. Mas não, tu é que me has de contar tudo, porque tudo sabes sem que ninguem t'o ensinasse. De noite iremos ao theatro, ouvir dramas ou operas, e ali saberás que diversas linguas falam as paixões ao coração do homem. Mais tarde, hei de dizer-te a eterna historia dos astros e mostrar-te Deus occulto por detraz das estrellas, sorrindo a quantos amam.

Como vêem, cahia no ridiculo do sentimentalismo. Perdôem-me ter rememorado estas phrases, mas todos os namorados são rhetoricos.

Tal era meu programma e executei-o á risca, o que em programmas não é vulgar e menos ainda nos de amor.

Napoles em sua tepida languidez mais d'um mez nos reteve. Quantas vezes ali murmurámos bellas paginas da *Graziella*, dulcissimo poema em prosa! Ah! visse Lamartine correr as lagrimas de Violante, quando sentados na praia d'Ischia, liamos as paginas elegantes da *Graziella*, como lhe dariam saudades da lingua d'oiro de Apollo, que elle deixou pela barbara linguagem da politica!

Trez mezes depois da nossa partida de Veneza, chegávamos finalmente a Paris, Violante transfigurada, eu cada vez mais doido por ella.

Já não era aquella pequenina que todas as tardes com seu passinho ligeiro, atravessava o caes dos Esclavões para ir contar o seu dia a um simples gondoleiro. Alargára-se o horizonte da sua alma e com este os do seu coração e desejos. Já não sonhava com a rude vida isolada no monte Herma, nem com crianças de vermelho pé descalço, e grenhas como moitas, correndo pelas pedras do caminho empinado.

É verdade que em Veneza dava lições de musica aos filhos do tio Bernardo e os ensinava a esboçar os quadros da galeria Riminio. Sabia executar, mas sem inspiração.

Não cuidem que deu em sabichona. Longe d'isso; só no amor era sabia.

Em Florença, na egreja de S. Lourenço, Violante maravilhou-me pelas observações sagazes que fez perante as estatuas de Miguel Angelo, a *Aurora* e o *Crepusculo*. Nada justifica taes titulos e Violante em sua critica, pareceu-me que atinava com a verdadeira significação d'essas obras primas.

Não quero aborrecel-os com essas theorias espontaneas.

De resto, falava de Leonardo de Vinci, de Raphael e de Ticiano com quasi tanta sciencia e bom gosto como patricia do seculo XVI, criada em meio das mais extraordinarias obras primas. Muita vez lhe perguntei se não se lembrava de ter vivido nos tempos de Leão X ou Julio II. Dir-se-hia uma alma adormecida, onde lembranças acordavam.

(*Continúa*).

Publicações

Recebemos e agradecemos:

Centenario de Garrett. A commemoração do centenario do nascimento do poeta e dramaturgo portuguez Almeida Garrett originou muitas especies bibliographicas interessantes, das quaes temos presentes alguns exemplares, por delicada offerta dos seus auctores e editores.

Não querendo demorar a enumeração d'estas publicações commemorativas, que já constituem uma curiosa e apreciavel *garrettiana*, mencionaremos as seguintes, muito dignas de louvor pela ideia que lhes presidiu e pela maneira como fôram realisadas.

A Garrett, *no seu primeiro centenario, 4-2-1799 — 4-2-1899 — Homenagem de Anna de Castro Osorio e Paulino de Oliveira — Imprensa de Libanio da Silva — Lisboa.*

A ideia que suggeriu a publicação d'este elegante opusculo foi a seguinte, segundo as proprias palavras de D. Anna Osorio de Castro:

...«e querendo nós votar ao immortal Artista uma simples homenagem — que não é nada do que a nossa admiração e a nossa alma nos pediam — entendemos que a melhor maneira de a realisar era escolher pequenos fragmentos d'algumas das suas obras e publical-as como feixe de rosas, que lhe offerecemos para a sua festa. O que ahi vae nosso são os singelos *bules bules* e myosotis com que é d'uso acompanhar as flôres primaciaes.»

Illustra o livro uma estampa allegorica reproduzida pela photogravura de um desenho de Conceição e Silva.

Magdalena de Vilhena, *poemeto composto para uma festa de homenagem á memoria do auctor do Frei Luiz de Sousa por Alfredo da Cunha — 4 Fevereiro 1899.*

Publicado em edição commemorativa do primeiro centenario do nascimento de Garrett, pela empresa do *Diario de Noticias*, com destino a distribuição gratuita, tivemos ensejo de apreciar tão formoso poemeto.

A *plaquette* é illustrada com uma photogravura o retrato de Garrett.

A Garrett, *numero unico em homenagem á memoria do insigne reformador da litteratura, do theatro e do jornalismo portuguez* — publicado pela Associação da Imprensa Portugueza — director Alberto Bessa.

É um numero interessantissimo pela variedade da collaboração e pelo curioso autographo politico que reproduz.

O Tiro Civil, selecta revista de sport lisbonense, que tambem dedicou o seu numero 155 á commemoração do centenario de Garrett, publicando o retrato do poeta e alguns excerptos das suas obras.

Movimento da população — *Estado civil — Emigração — Imprensa Nacional — 1898.*

E' um grosso volume de 450 pag. elaborado pela direcção geral da Estatistica e dos Proprios Nacionaes, abrangendo os annos de 1891, 1892 e 1893, precedido por uma advertencia, na qual se promette para breve a publicação das estatisticas relativas aos annos de 1894 a 1896, achando-se tambem em preparação o volume relativo ao anno de 1897.

Presta, em geral, tantos serviços a estatistica, que ocioso será dizer que merece os maiores elogios á direcção geral da estatistica, elogios que não regateamos ao seu director e demais pessoal que cooperou em tão ardua tarefa.

O presente volume divide-se: em *estado civil*, censo da população por casamentos, nascimentos e obitos; *emigração*, numero de emigrantes, seu estado civil, idade e destino.

A parte relativa ao *movimento da população* é elucidada com varios mappas, nitidamente lithographados, e pelos quaes á primeira vista se avalia materialmente o que os algarismos nos dizem.

Guerreiro e monge — *Romance historico — por Antonio de Campos Junior — Empreza do jornal «O Seculo» Lisboa*

Este notavel romance, que tanto interesse despertou quando publicado no nosso presado collega *O Seculo*, para commemorar o quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, acaba de ser reduzido a volume.

Se a noticia tivesse o merito da novidade muito exultariamos por lhe dar corrente, porque foi com viva satisfação que vimos roubado ao forçoso esquecimento de um periodico diario tão importante estudo historico, para viver não só o dia da sua publicação, mas sim ter nas bibliothecas mais selectas o devido logar e existencia perduravel.

De tudo quanto n'este genero suggeriu a patriotica commemoração, no nosso acanhado meio litterario, em que tantos trabalhos de incontestavel valor se infileiraram, resalta, como um producto colossal das brilhantes faculdades de erudito e de romancista do seu auctor, este bello romance de Antonio de Campos Junior.

Aconselhando vivamente a leitura do *Guerreiro e monge* prestamos um serviço ao publico, redundando em homenagem ao talentoso auctor e em instructiva, patriotica e amena recreação para o leitor.

O Jornal dos Romances. — 2.º *Anno. — n.º 90. — Porto. — 31 de Dezembro de 1898.*

No presente numero a Empreza do *Jornal dos Romances* insere um aviso aos seus assignantes do qual destacamos estes periodos:

«Terminando com o presente n.º 90, o quarto dos romances que vimos publicando ha dois annos, *Os cavalleiros da Rosa Vermelha*; a todos os os nossos leitores e assignantes agradecemos profundamente penhorados o favor com que souberam corresponder aos nossos grandes esforços.

«Com este numero ficam, pois, completas as quatro novellas, que se intitulam *Joanninha, a costureira*, que tanto commoveu os nossos numerosos leitores, *O Romance d'um soldado*, que em mais de um peito moço inveterou a ideia nobre do sacrificio pela patria, *A cidade aerea*, que, estamos certos, muito divertiu os nossos jovens amigos e fez assomar aos labios dos nossos mais

GUTEMBERG

sombrios leitores um sorriso, e, finalmente, *Os cavalleiros da Rosa Vermelha*, um curioso romance historico, que deliciou os amigos das coisas antigas».

Como se vê a empreza cumpriu á risca o seu programma, e promette em breve recomeçar a sua publicação, por agora suspensa.

Estatutos *da Sociedade Protectora dos portuguezes desvalidos em S. Paulo — Typ. da União Portugueza, Rua Silva Jardim, 5 — Rio de Janeiro — 1898.*

A benemerencia portugueza no Brazil é uma das mais formosas manifestações do elevado amor patrio que assella os nossos compatriotas alli existentes. As mais uteis instituições de protecção ahi se teem erguido e conservado para bom lustre do nome portuguez e enobrecimento do seu amor pelos pobres emigrantes, que nas terras de Santa Cruz só encontram tristes desillusões aos seus sonhos de fortuna.

A celebração do centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India foi commemorada pela colonia portugueza de S. Paulo com a installação de mais um d'esses nobillissimos estabelecimentos de carinho e conforto, o qual se intitula *Sociedade Protectora dos Portuguezes Desvalidos em S. Paulo*, e cujos estatutos acabamos de receber.

A sua installação foi marcada pela data da assemblea convocada e realisada em 2 de janeiro de 1898, e os presentes estatutos foram approvados em assemblea geral de 6 de março seguinte, sendo redigidos por uma commissão especial de que fizeram parte os srs.: dr. Viriato Brandão (relator), Antonio Ferreira Neves Junior, Francisco Augusto Ferreira de Mello, Francisco de Paula dos Santos Rodrigues e João Teixeira Ferreira Junior.

Congratulando-nos vivamente pela fundação de tão util sociedade de beneficencia, enviamos as nossas felicitações mais calorosas á digna directoria provisoria.

Decretos, portarias e circulares *publicados desde 20 de agosto a 31 de dezembro de 1898. — Imprensa Nacional de Lisboa — 1899.*

E' innegavel que entre os ultimos diplomas emanados do ministerio das obras publicas existem alguns que muito importa ao publico o conhecel-os integral e miudamente. As variadas disposições legaes promulgadas de 20 de agosto a 31 de dezembro de 1898 para esclarecimento de certos artigos, suscitando a observancia de uns e regularisando a applicação de outros, tudo emfim constitue já um opulentissimo corpo de legislação, que quasi se tornava difficil de compulsar.

Felizmente acabamos de receber um grosso volume em que se integraram todos esses decretos, portarias e circulares emanadas do ministerio das obras publicas, a cujo titulo endereçamos cordiaes e justissimos louvores por haver auctorisado tão valiosa e util publicação.

Real Associação *Central da Agricultura Portugueza — Lisboa — 1899.*

Recebemos um exemplar da vibrante representação, que, contra o decreto de 10 de fevereiro proximo passado, abaixando os direitos de entrada do milho, entregou ao parlamento a prestimosa Real Associação da Agricultura Portugueza.

Como se sabe, n'esta representação pedia se *uma sabia e prudente medida que em parte remedeasse os perigos do alludido decreto, determinando-se um maximo para a importação.* Subscrevem este documento o digno vice-presidente sr. Borges de Sousa e o illustre secretario sr. D. Luiz de Castro.